

Diego Mattoso  
USP Online - [www.usp.br](http://www.usp.br)  
mattoso@usp.br  
Julho de 2005  
USP Notícias  
<http://noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php?id=9397>

## **Pesquisa mostra porque o samba é um dos gêneros mais representativos da sociedade brasileira**

19/07/2005

Eu canto samba  
Porque só assim eu me sinto contente  
Em vou ao samba  
Porque longe dele eu não posso viver  
Com ele eu tenho de fato  
Uma velha intimidade  
Se fico sozinho  
Ele vem me socorrer

Há muito tempo eu escuto esse papo furado  
Dizendo que o samba acabou  
Só se foi quando o dia clareou

(Paulinho da Viola)

Herança da cultura africana, o samba vindo principalmente da Bahia e de São Paulo (Vale do Paraíba), teve grande desenvolvimento no Rio de Janeiro, antiga capital federal, e difundiu-se por todo o país durante o século XX. O ritmo contagiante fez dele um ícone da identidade brasileira, com reconhecimento internacional por sua riqueza. Mas não só a vivacidade das batucadas explica os porquês de suas raízes serem tão profundas na cultura nacional. Em “Abençoado e Danado do Samba”, o pesquisador Ricardo José Duff Azevedo vai muito além. Na tese de doutorado, apresentada ao departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da USP, ele analisa os fatores discursivos que permeiam as letras, para compreender o que há de tão forte entre o samba e o povo que o canta.

O samba é alegria  
Falando de coisas da gente  
Se você anda tristonho  
No samba fica contente  
Segura o choro criança  
Vou te fazer um carinho  
levando um samba de leve  
Nas cordas do meu cavaquinho...

Como Paulinho da Viola registra em “Eu canto samba”, a popularidade do gênero está na identificação de seus dizeres com o cotidiano da gente que ocupou os morros cariocas e as

áreas mais simples das grandes cidades. Ricardo Azevedo identifica o samba com o que chama de “modelo de consciência popular”, segundo ele, fortemente marcado pela oralidade e suas implicações, que valoriza os temas cotidianos, os modelos hierárquicos, a família, a religiosidade, o senso comum e o contexto onde se vive.

Traço fundamental do samba, segundo Azevedo, é a criação de canções cujas letras têm como premissa a apresentação face-a-face tendo em vista o compartilhamento, a familiaridade e a identificação entre artista e platéia. Sua linguagem busca sempre a compreensão imediata, a memorização e a participação da platéia. Além disso, tende a abordar os temas da vida cotidiana e concreta como trabalho, envelhecimento, religião, morte, festa e comida. Outro aspecto relevante das letras de samba é a incidência de uma moral afastada de princípios universais e abstratos. Trata-se da “moral ingênua” um conjunto de valores que faz conviver elementos contraditórios como, por exemplo, a solidariedade, a malandragem, a religiosidade e a justiça feita com as próprias mãos.

A partir do pressuposto teórico em que se baseia o trabalho, Azevedo também rebate as críticas que o samba recebe por não inovar em suas formas. “Grande parte da sociedade brasileira está ligada à cultura oral. Esse tipo de cultura exige a memória e o rito (a festa) para poder se fixar e sua renovação dá-se de forma lenta através de padrões de longa duração.” diz o pesquisador. “Já as formas modernas e eruditas, enraizadas na cultura escrita, desenvolvem-se através de padrões de curta duração e tendem a buscar sempre a renovação, por vezes até de forma mecânica. Aplicar paradigmas relacionados à cultura escrita na análise das formas literárias populares é um equívoco.”

No embate entre consciência tradicional e moderna, Azevedo estabelece como contraponto ao samba o tropicalismo, gênero oposto à arte dos bambas quando o assunto é composição. As letras tropicalistas, segundo o pesquisador, foram em geral criadas para serem lidas, relidas, analisadas e interpretadas. Enquanto isso, as letras de samba são criadas para serem compreendidas e memorizadas com imediatez. Para isso recorrem à linguagem formular, vocabulário público, frases feitas, repetições e ditados quase sempre abordando temas da vida cotidiana. Tropicalismo e samba partem de princípios construtivos bastante diferentes.

Ele ressalta também o erro que existe na interpretação que parte da crítica costuma fazer da história da música brasileira. “Há uma insistência em enxergar uma linha evolutiva, como se, por exemplo, primeiro viesse o samba rural, depois o samba urbano, depois a bossa nova, depois o tropicalismo, um substituindo o outro, numa sequência lógica. Isso é próprio de uma visão escolarizada, trata-se de um pensamento baseado nas ciências biológicas, na química e na física e que supõe processos naturais e desenvolvimentos mecânicos. Ora, as ciências humanas e as artes não funcionam como as ciências exatas e biológicas. Na arte, existem diferentes procedimentos e posturas e estes não costumam ser “evolutivos” e, ao contrário, podem coexistir e coexistem”.

O samba de hoje

Para Azevedo, o samba continua com grande representatividade nos dias de hoje. O que antes era composto apenas por um refrão fixo e partes livres para improvisação dos participantes (que podiam ficar horas cantando a mesma música e suas variações), pouco a

pouco teve seu caráter construtivo alterado pois, com o rádio e o disco, surge a necessidade de uma segunda parte também fixa. Mas nem por isso perdeu sua força. “O samba representa a expressão de um modelo de consciência baseado na cultura oral extremamente influente e disseminado no Brasil embora pouco estudado e ausente do discurso oficial”, acredita Azevedo. “Basta ver que os programas das escolas de primeiro e segundo grau ignoram a cultura popular. No âmbito da academia dá-se o mesmo: são raros os estudos sobre as formas literárias populares.” constata.

Azevedo identifica porém marcas do discurso escolarizado, assertivo e utilitário em algumas letras de samba. Cita como exemplo “Anjos da Guarda”, de Leci Brandão que valoriza uma temática e um discurso estranhos ao contexto do samba.

Professores

Protetores das crianças do meu país

Eu queria, gostaria

De um discurso bem mais feliz

Porque tudo é educação

É matéria de todo o tempo

Ensinem a quem sabe tudo

A entregar o conhecimento

Na sala de aula

É que se forma um cidadão

Na sala de aula

Que se muda uma nação

Na sala de aula

Não há idade, nem cor

Por isso aceite e respeite

O meu professor

Batam palmas pra ele

Batam palmas pra ele

Batam palmas pra ele

Que ele merece

Na tese, Azevedo ressalta a importância de se discutir a noção de inovação: “É preciso lembrar que na sociedade moderna, as inovações e transformações se dão aparentemente num processo acelerado, dentro dos chamados ‘padrões de curta duração’. É possível que, em alguns casos, isso seja um fato, mas é imprescindível distinguir, mesmo que não seja fácil, a verdadeira inovação dos simulacros de inovação. (...) Mesmo na modernidade, as mudanças consistentes, renovadoras e relevantes, sobretudo no âmbito das ciências humanas e da arte, também tendem, como acontece com a cultura tradicional, a ocorrer de forma lenta, num processo que pressupõe sólidas e valiosas tradições anteriores”. E conclui: “Como ensina a tradição popular, não se consegue voar puxando pelos próprios cabelos”.

Ou, como já dizia Paulinho da Viola em “Argumento”:

Tá legal, eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta  
De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim...

## MÚSICA

### **Pesquisa mostra porque o samba é um dos gêneros mais representativos da sociedade brasileira**

*Diego Mattoso / USP Online*

*mattoso@usp.br*

*Eu canto samba*

*Porque só assim eu me sinto contente*

*Em vou ao samba*

*Porque longe dele eu não posso viver*

*Com ele eu tenho de fato*

*Uma velha intimidade*

*Se fico sozinho*

*Ele vem me socorrer*

*Há muito tempo eu escuto esse papo furado*

*Dizendo que o samba acabou*

*Só se foi quando o dia clareou*

(Paulinho da Viola)

Herança da cultura africana, o samba se difundiu por todo o país durante o século XX. O ritmo contagiante fez dele um ícone da identidade brasileira, com reconhecimento internacional por sua riqueza. Mas não só a vivacidade das batucadas explica os porquês de suas raízes serem tão profundas na cultura nacional. Em “Abençoado e Danado do Samba”, o pesquisador Ricardo José Duff Azevedo vai muito além. Na tese de doutorado, apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da USP, ele analisa os fatores discursivos que permeiam as letras, para compreender o que há de tão forte entre o samba e o povo que o canta.

*O samba é alegria*

*Falando de coisas da gente*

*Se você anda tristonho*

*No samba fica contente*

*Segura o choro criança*

*Vou te fazer um carinho*

*levando um samba de leve*

*Nas cordas do meu cavaquinho...*

Como Paulinho da Viola registra em “Eu canto samba”, a popularidade do gênero está na identificação de seus dizeres com o cotidiano da gente que ocupou os morros cariocas e as áreas mais simples das grandes cidades. Ricardo Azevedo identifica o samba ao que ele chama de “modelo de consciência popular”, fortemente marcado pela oralidade, que valoriza os modelos hierárquicos, a família, a religiosidade, enfim, o contexto em que se vive.

Traço fundamental das letras de samba, segundo Azevedo, é a composição voltada para a performance, ou seja, para a apresentação em grupo, face-a-face, num ato compartilhado de canto, tendo em vista a identificação entre artista e platéia. A linguagem, por isso, é acessível, de compreensão imediata, que busca a memorização, sem apelar para exercícios

de interpretação. É comum a abordagem de temas cotidianos, como trabalho, envelhecimento, religião, morte, festa e comida. Persistentemente, o samba busca o senso-comum, para o compartilhamento das idéias. A incidência da chamada “moral ingênu”, afastada de princípios universais e abstratos, é recorrente, fazendo conviver elementos contraditórios como, por exemplo, a solidariedade, a malandragem, a religiosidade e a justiça feita com as próprias mãos.

A partir do pressuposto teórico em que se baseia o trabalho, Azevedo também rebate as críticas que o samba recebe por não inovar em suas formas. “Grande parte da sociedade brasileira está ligada à cultura oral. Esse tipo de cultura exige a memória e o rito [festa] para poder se fixar. Por isso, o samba, como fruto da oralidade, renova-se, mas de forma lenta, através de padrões de longa duração”, diz o pesquisador. “Já as formas modernas e eruditas, enraizadas na cultura escrita, desenvolvem-se através de padrões de curta duração. Aplicar paradigmas relacionados à cultura escrita na análise das formas literárias populares é um equívoco”.

No embate entre consciência tradicional e moderna, Azevedo estabelece como contraponto ao samba o tropicalismo, gênero oposto à arte dos bambas quando o assunto é composição. As letras tropicalistas, segundo o pesquisador, foram em geral criadas para serem lidas, relidas, analisadas e interpretadas. De outro lado, as letras de samba são criadas para serem compreendidas e memorizadas com imediatez. Para isso recorrem à linguagem formular, vocabulário público, frases feitas, repetições e ditados, quase sempre abordando temas da vida cotidiana.

Azevedo ressalta também o erro que existe na interpretação que parte da crítica faz da história da música brasileira. “Há uma insistência em enxergar uma linha evolutiva, como se, por exemplo, primeiro viesse o samba rural, depois o samba urbano, depois a bossa nova, depois o tropicalismo, um substituindo o outro, numa seqüência lógica. Isso é próprio de uma visão escolarizada. Trata-se de um pensamento baseado nas ciências biológicas, na química e na física e que supõe processos naturais e desenvolvimentos mecânicos. Ora, as ciências humanas e as artes não funcionam como as ciências exatas e biológicas. Na arte, existem diferentes procedimentos e posturas que podem coexistir”.

### **O samba de hoje**

Eles coexistem, e para Azevedo, o samba continua com grande representatividade. O que antes era composto apenas por um refrão fixo e partes livres para improvisação dos participantes (que podiam ficar horas cantando a mesma música e suas variações), pouco a pouco teve seu caráter construtivo e performático alterados, pois, com o rádio e o disco, surge a necessidade de uma segunda parte também fixa. Mas nem por isso perdeu sua força. “O samba é ainda muito representativo, por sua temática e comunicabilidade terem permanecido as mesmas”, acredita Azevedo.

Porém, ele identifica marcas do discurso escolarizado e assertivo em algumas letras. Cita como exemplo “Anjos da Guarda”, de Leci Brandão, que valoriza uma temática e um discurso estranhos ao contexto do samba:

*Professores*

*Protetores das crianças do meu país*

*Eu queria, gostaria*

*De um discurso bem mais feliz*

*Porque tudo é educação*

*É matéria de todo o tempo*

*Ensinem a quem sabe tudo  
A entregar o conhecimento  
Na sala de aula  
É que se forma um cidadão  
Na sala de aula  
Que se muda uma nação  
Na sala de aula  
Não há idade, nem cor  
Por isso aceite e respeite  
O meu professor  
Batam palmas pra ele  
Batam palmas pra ele  
Batam palmas pra ele  
Que ele merece*

Quanto à inovação, Azevedo registra em sua tese: “É preciso lembrar que na sociedade moderna, as inovações e transformações se dão aparentemente num processo acelerado, dentro dos chamados ‘padrões de curta duração’. É possível que, em alguns casos, isso seja um fato, mas é imprescindível distinguir, mesmo que isso não seja fácil, a verdadeira inovação dos simulacros de inovação. (...) Mesmo na modernidade, as mudanças consistentes, renovadoras e relevantes, sobretudo no âmbito das ciências humanas e da arte, também tendem, como acontece com a cultura tradicional, a ocorrer de forma lenta, num processo que pressupõe sólidas e valiosas tradições anteriores”. E conclui: “Como ensina a tradição popular, não se consegue voar puxando pelos próprios cabelos”. Ou, como já dizia Paulinho da Viola em “Argumento”:

*Tá legal, eu aceito o argumento  
Mas não me altere o samba tanto assim  
Olha que a rapaziada está sentindo a falta  
De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim...*